

DF - MUSEU

Fotos: Davi Zocoli

DO COTIDIANO

Será inaugurada hoje, no Museu do Índio, a mostra *A Arte de Viver*, que reúne mais de 300 peças de 30 tribos brasileiras

Em 1985, o então governador José Aparecido tentou transformar o Museu do Índio de Brasília (que ele próprio havia criado, a partir de projeto de Oscar Niemeyer) em um espaço para a arte moderna. Não deu certo. Ao ser restituído definitivamente aos índios, estes fizeram um ritual de pajelança (para espantar os maus espíritos), com o objetivo de garantir, para sempre, que o museu permanecesse um local exclusivamente deles. O rito deu certo. Desde que o museu foi reinaugurado - em 15 de abril do ano passado -, o número de visitantes tem aumentado. Contudo, de forma um tanto quanto tímida, pois ali vão apenas alunos de escolas e pessoas do corpo diplomático. Com o objetivo de mudar esse quadro será inaugurada hoje, às 11h, no Museu do Índio (Eixo Monumental), a exposição *A arte de viver*.

A mostra reúne cerca de 320 peças, de 30 tribos de todo o Brasil. Algumas das obras fazem parte do acervo do próprio museu, outras foram tomadas emprestadas de outros patrimônios, como do embaixador Wladimir Murтинho, da coleção Darcy Ribeiro e da diretora do Museu do Índio, Sandra Wellington.

"A exposição exhibe a diversidade da cultura indígena, em suas várias formas. As pessoas pensam, por exemplo, que seus ornamentos são somente para as festas. Não sabem que os índios se preocupam em trabalhar, artisticamente, todos os seus utensílios. Procurei também, ao montar a exposição, destacar os artistas indígenas. Cada peça traz, ao lado, sua procedência e o nome do artesão que a fez", explica Sandra Wellington.

A diretora do museu é a principal responsável pela revitalização do lugar - ela faz questão de enfatizar que não teria realizado nada sem a ajuda dos índios. A secretária de cultura do DF Luiza Dornas, complementa: "A Sandra é um patrimônio. Reconhecido não somente por nós, do governo, mas principalmente pelos próprios índios", diz.

Em breve, garante Luiza Dornas, estará funcionando no museu uma lanchonete natural, que irá servir ao público os gêneros mais diversos de alimentos, como sucos de polpas vindas de todo o País, tapioca, pupunha, etc. Também serão organizadas ali sessões de vídeo e rituais de dança e cantoria indígenas.

O Museu do Índio é, em si, do ponto de vista da arquitetura (Oscar Niemeyer lhe deu a forma de uma maloca), uma grande obra de arte. Ele é aberto no centro, onde há um círculo for-

rado com areia. Na parte de cima desse espaço, a céu aberto, uma espécie de concha - é possível vê-la de longe, do lado de fora - repercute qualquer som, formando ecos. E, no vidro em volta, vê-se o reflexo da pessoa que está dentro do círculo reproduzido dezenas de vezes.

O local proporciona um encontro com o gênio criativo de Oscar Niemeyer. "O Museu do Índio não pode ficar paralisado. Ele é um lugar excepcional. Niemeyer, ao construí-lo, realizou um feito extraordinário", comenta o embaixador Wladimir Murтинho.

Ir à exposição é um convite ao relaxamento. As peças, independentemente do comprimento das suas formas e do material com o qual são feitas (como duas onças de madeira, em tamanho natural) são paradoxal-

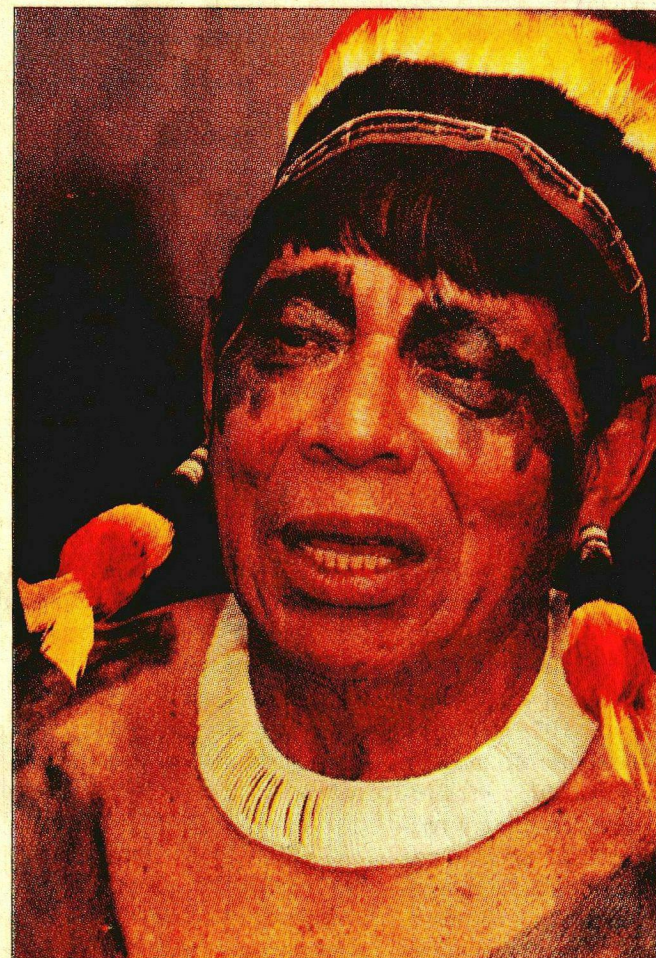
mente leves e, devido à maneira como estão organizadas, remetem o observador a uma viagem pelo Médio e Alto Xingu, pela Amazônia e por diversas tribos brasileiras. Ao longo da mostra, o visitante também estará ouvindo músicas indígenas que preenchem todo o ambiente.

Na mostra estão representadas tribos como Yawalapiti Kamaiurá, Wuará, Ticuna, Juruna, Kadibréu, Xibipo-Konibo (leste do Peru), entre outras. É possível conhecer objetos valiosos de suas culturas (como colares, as peças mais valiosas no Xingu, que são trocadas numa grande festa denominada Moitará). Ou produtos corriqueiros do dia-a-dia, como cadeiras, painéis e jarros em forma de bichos, redes de pescar e dormir, lanças, arcos, flechas, etc.

Fazem parte da coleção

Darcy Ribeiro alguns dos objetos mais delicados da exposição; como apitos de conchas ornamentados por penas de gavião real e colares de vértebras de cobra. "Ao ver as peças, as pessoas precisam compreender que, numa tribo, todos têm uma função. O homem caça, a mulher cozinha e ambos também produzem objetos de arte. Assim como as crianças. Este ambiente, aliado a essas atividades, faz com que todos vivam melhor. Daí o nome da exposição ser *A arte de viver*", explica Sandra Wellington.

A diretora do museu se dedica à questão indígena desde 1968. Foi a partir dessa época que, com o intuito de estudar os índios, abandonou seus estudos na Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro. "Em 1968, um ano difícil, percebi o quanto os índios, os donos des-



Pajé Sapain: "O museu é do índio, de todas as aldeias"

ta terra, eram discriminados. Passei então a organizar exposições, com o objetivo de divulgar sua arte", revela.

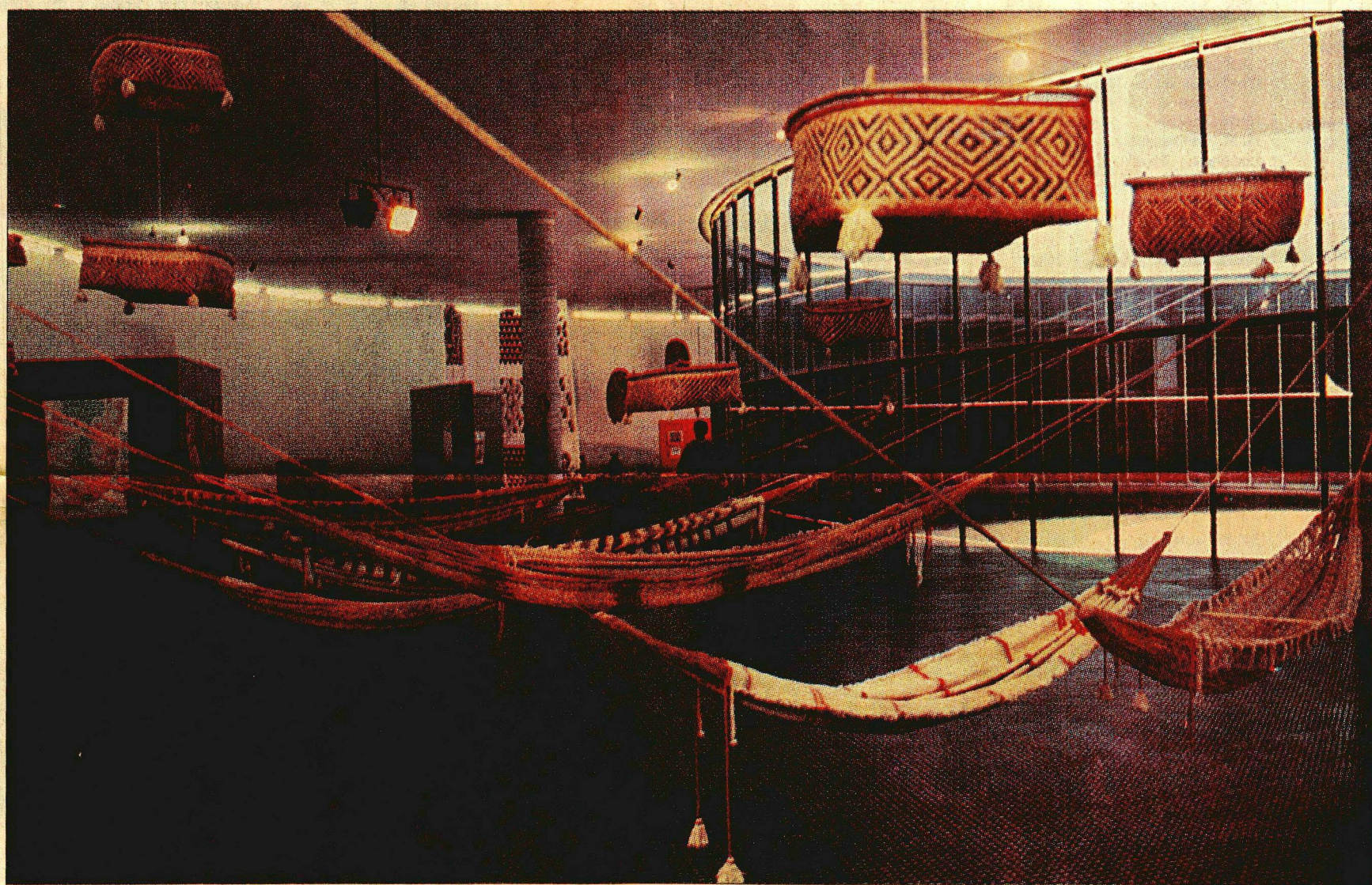
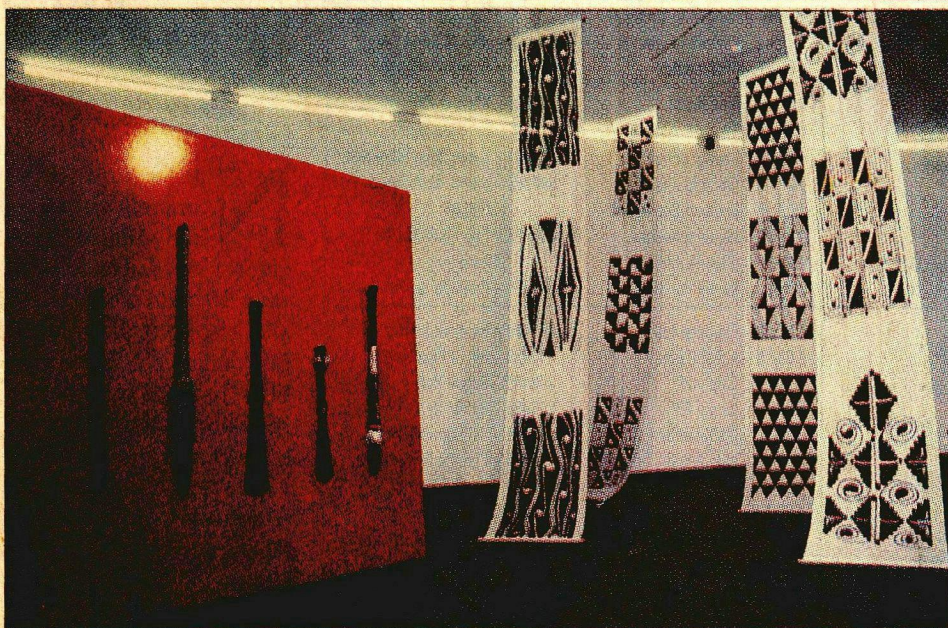
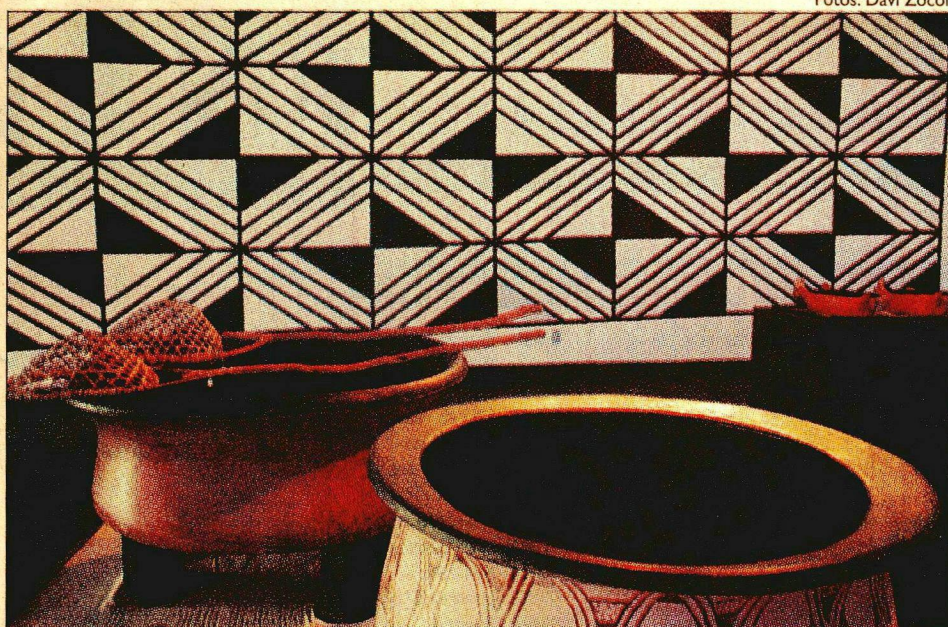
Quando Sandra Wellington se refere aos índios, o faz com o maior respeito e reverência. Essa atitude é recíproca. Tanto é que o pajé Sapain, importante chefe da tribo Yawalapiti Kamaiurá, sente-se completamente à vontade no museu. "Aqui é minha casa. O museu não é do branco. É do índio, de todas as aldeias. O museu nunca vai acabar. Pois tem força, a nossa força", diz. As

escolas interessadas em levar seus alunos para visitar o Museu do Índio devem entrar em contato com Pedro Gala, na TCB, pelo fone 321-6008. O preço de ônibus especiais será entre R\$ 60,00 e R\$ 90,00.

MARCELO BELUCO

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

● **Exposição *A arte de viver*.** Abertura hoje, às 11h, no Museu do Índio (Eixo Monumental). Visitação de terça a sexta-feira, das 9h às 18h. Sábados, domingos e feriados das 11h às 17h. Entrada franca.



A exposição exhibe a diversidade da cultura indígena e cada peça traz sua procedência e o nome do artesão que a fez

